

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**A “HORA DO CONTO” FORMANDO LEITORES: A
ARTE DA ORALIDADE NA APRESENTAÇÃO DO TEXTO
LITERÁRIO**

Juliane Francischeti Martins Motoyamaⁱ (PG -FCT – UNESP/CELLIJ)
Simônica da Costa Ferreiraⁱⁱ (PG -FCT – UNESP/CELLIJ)
Odilon Helou Fleury Curadoⁱⁱⁱ (FCL - UNESP)

INTRODUÇÃO

Não é só a história que importa é a maneira de contá-la.
Cecília Meireles

A contação de histórias é uma atividade importante para o desenvolvimento oral dos sujeitos, pois através do texto ocorre a interação entre o contador e os seus ouvintes, enquanto o corpo e a voz atuam como instrumentos de ligação entre os sujeitos proporcionando momentos únicos na formação e no desenvolvimento de quem vivencia tal experiência.

O grande problema é que as escolas e professores ainda não compreendem completamente a função e a importância da contação de histórias para a formação dos sujeitos. Para além das funções pedagógicas que a contação assume no contexto escolar atualmente, como calar as crianças ou passar o tempo, deve-se considerar o caráter formador de tal prática, auxiliando no desenvolvimento da oralidade, imaginação e formação individual.

O hábito de contar histórias é algo sumariamente antigo, afinal o homem em sua essência é oral, aprendendo a falar e expressar-se oralmente antes de dominar as ferramentas da leitura e escrita. No entanto, com os avanços sociais e a invenção da tecnologia da escrita, esta foi adquirindo uma supremacia sobre o oral e deixando-o no esquecimento.

Atualmente, tem-se buscado resgatar o hábito de contar histórias não somente em ambientes escolares, como em shows artísticos, o que, segundo Bussato (2003), é algo positivo, mas dicotômico, afinal este resgate está atrelado a um modismo, e as

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

bases de construção da contação já não são mais a oralidade, mas uma linguagem secundária. Os novos contadores buscam no texto escrito material para desenvolver o seu trabalho, enquanto na antiguidade este vinha das narrativas populares.

Entretanto, mesmo com estas adversidades e mudanças, não se pode desconsiderar a importante função que desempenha o texto oral na formação das crianças, principalmente das menores, que ainda não desenvolveram a habilidade de leitura e tem na oralidade a ferramenta para estimular sua imaginação, resolver seus conflitos e até mesmo buscar diversão.

Outra importante função do ato de contar histórias às crianças desde a mais tenra idade está relacionada ao incentivo à formação leitora. Ao ouvir as narrativas, os infantes ficam instigados a buscar novas aventuras e acabam por descobrir o texto escrito, o livro e os encantos da literatura infantil.

1. O CELLIJ E A AÇÃO HORA DO CONTO: TÉCNICAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Em 2006 foi oficialmente inaugurado o prédio onde hoje funciona o Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” – CELLIJ – na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP), campus de Presidente Prudente. O projeto idealizado pela professora Doutora Renata Junqueira de Souza começou com contações de histórias em diversos espaços da Universidade, até receber um espaço adequado para receber as crianças.

Em culturas orais, onde não se faz uso da ferramenta escrita para registrar momentos e histórias, é preciso desenvolver técnicas para que se preserve o patrimônio histórico do povo. Neste sentido, criam-se mecanismos para auxiliar na fixação dos fatos com o uso de ritmo, repetições definidas, antíteses, aliterações, assonâncias ou outras técnicas específicas para auxiliar na retomada de memória.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

De acordo com Ong (1998, p.44) o cérebro humano sabe o que pode recordar. Assim, para que algo retorne ao pensamento, é preciso que seja significativo, nesta perspectiva, “as fórmulas (...) funcionam como apoios mnemônicos, como expressões fixas que circulam pelas bocas e pelos ouvidos de todos” (ONG, 1998, p. 45). O autor afirma ainda que desde os primórdios das civilizações sempre se criaram mitos e histórias e o homem escolhia técnicas para transmiti-la às gerações futuras.

Nesta perspectiva de transmitir histórias para outros e formar contadores e leitores, no CELLIJ faz-se uso de diversas técnicas adaptadas às necessidades temáticas das contações, tendo como principal norte os trabalhos de Matos e Sorsy (2007) e de Silva (1999).

Ao chegarem ao espaço os visitantes são recepcionados pelas estudantes do curso de pedagogia e bolsistas que realizam o “aquecimento” (MATOS E SORSY, 2007), um momento especial para inserir a criança no ambiente fantástico da história. Uma das técnicas utilizadas é a da concentração aonde se pede que o infante pegue a concentração no ar e passe pelo corpo.

Após este momento é realizada uma parte fundamental da contação que Matos e Sorsy (2007) denominam “introdução”. Nesta etapa o contador marca o início da narrativa com frases de impacto como o famoso “Era uma vez...” ou “Esta história que vou contar foi minha mãe que me contou, quem contou para minha mãe foi a mãe da minha mãe...”.

Após a “introdução” dá-se início à narrativa. De acordo com a história selecionada para se contar, são feitas as escolhas de técnica para apresentação, as mais utilizadas são: simples narrativa, simples narrativa com gravuras, narrativa com interferência do narrador e dos ouvintes (SILVA, 1999). Cada recurso é selecionado para melhor se adequar à situação e aos objetivos das contações.

Findando a narrativa, Matos e Sorsy orientam que seja realizada a “finalização”, na qual, com uma frase de impacto, se marque o momento. Sugestões são as já famosas como “Esta história entrou por uma porta e saiu pela outra e quem souber que conte outra...”.

15ª Jornada Nacional de Literatura

Leituras jovens do mundo

12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Ao fim dos atendimentos é realizada uma atividade pós-leitura para verificar a compreensão do texto por parte dos ouvintes e expressar opiniões sobre o tema. O último momento dos visitantes no espaço é dedicado à visita da Biblioteca Infantil Prudente – BIP, que conta com um acervo de mais de três mil títulos de literatura infantojuvenil e livros teóricos para atender aos alunos e professores.

Assim, além de ofertar um vasto repertório de contação de histórias que perpassam da tradição oral aos contos contemporâneos, o CELLIJ também desempenha sua função social na formação do leitor ao manter uma vasta biblioteca pública para formação do leitor infantil e aprimoramento dos docentes.

1.1 Contar Histórias: A Importância da Arte da Oralidade

Muito embora por algum tempo tenha se perdido o hábito de contar histórias, ou mesmo se premeditado, com o avanço da tecnologia escrita, o fim desta arte, Bussato (2007) postula que no século XX começou um movimento de retorno da contação de histórias, como um modismo que supre a necessidade comunicativa estética dos seres humanos. Assim, a autora apresenta dois tipos de contadores que podem ser reconhecidos neste retorno da arte, quais sejam, o “contador tradicional”, que está ligado às origens da contação, mas que corre o risco de ser extinto, e o “contador contemporâneo”, que faz adaptações e traz de volta a profissão, mas com novos ares.

Portanto, de acordo com a autora, este contador contemporâneo vem trazendo o perfil de sua época para a arte, remodelando as técnicas e as histórias. Neste novo modelo que surgiu no século XX e penetrou no século XXI, as histórias ganham novo fôlego com recursos da cultura letrada, além de estar lentamente se tornando uma profissão com valores estipulados pelo mercado, contratos, dentre outras características da prestação de serviço autônomo. No entanto, Bussato (2007) alerta para a circunstância de que esta mercantilização da arte de contar histórias pode descaracterizar e remover os aspectos estéticos do contar, para transformá-lo em uma mercadoria.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

A arte de contar histórias perpassa a sua importância de transmissão da cultura oral de um povo e insere-se no campo do desenvolvimento cognitivo, quando tem por ouvintes crianças. O ato de ler um texto já enriquece o desenvolvimento infantil, mas a contação – considerando o potencial de desenvolvimento oral dos seres humanos no início de sua vida – auxilia na construção do pensamento e fundamenta o senso crítico.

Sendo assim, o desenvolvimento infantil é potencialmente melhor quando a criança é submetida a situações de contação de histórias orais.

A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva. A ação se desenvolve e nós participamos dela, ficando magicamente envolvidos com os personagens; mas sem perder o senso crítico, que é estimulado pelos enredos (SILVA, 1997, p. 11).

De acordo com Ong (1998) e Patrini (2005), a grande mudança dos contos no século XXI começa também nas fontes de apoio dos novos contadores. Os contadores contemporâneos, em sua maioria, buscam seu material em fontes da língua escrita trazendo o que Bussato (2005) chama de linguagem secundária, ou seja, o texto escrito adaptado para a apresentação oral.

Ong (1998) menciona essa diferença entre os contadores contemporâneos e os tradicionais que usavam a oralidade como fonte primária. Esta última circunstância, segundo o autor, ao contrário daquela, gerava uma relação peculiar entre as modalidades, uma vez que, tal oralidade originava-se em um contexto “[...] de uma cultura totalmente desprovida de qualquer conhecimento da escrita ou da impressão [...]” (ONG, 1998, p.19).

Patrini (2005) e Bussato (2005) apresentam esse ressurgimento dos contos orais em coletâneas escritas disponíveis em bibliotecas com as novas práticas para a alfabetização. As autoras postulam que as ações desenvolvidas por contadores, educadores e bibliotecas como a “hora do conto” subsidiam a produção e oferta de coletâneas de contos populares. Assim, o conto é oferecido na oralidade como um estímulo à criança que deverá retirar os livros para ler mais, caso tenha gostado.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Entretanto, é importante ressaltar que a arte de contar histórias não deve ser resumida ao incentivo à leitura escrita, pois possui um caráter formador amplo que necessita ser explorado.

2. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO

Segundo Meireles (1979), o hábito de ouvir e contar histórias desde a tenra idade auxilia não apenas na formação de um repertório pelo ouvinte como também na formação da identidade, facilita uma interação entre o contador e ouvinte e uma troca de “bagagem cultural”. Bussato (2003, p.10) define esse momento afirmando que “contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões do ser”.

Bussato (2003) afirma que muito embora as histórias tenham todo este caráter formador e cultural, uma parcela dos docentes ainda as utiliza em sala de aula como um recurso para conter a indisciplina.

Considerando a concepção freiriana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra (FREIRE, 1982), é plausível afirmar que a contação de histórias pode ser utilizada na formação do leitor literário. O uso da literatura oral em contexto escolar auxilia o educando na expansão de seu repertório interno e facilita o processo de busca e compreensão por outras artes como a literatura escrita.

No espaço escolar ou outros espaços mediadores de leitura, antes de se ofertarem livros com histórias escritas, é importante que se ofereça uma gama de contos orais para fomentar a imaginação infantil e calçar o caminho até o texto escrito.

Para Machado (2002), a leitura não deve ser uma imposição escolar, mas, sim, algo preparado para gerar bem estar nas crianças, e as contações de história podem contribuir para este momento. De acordo com Meireles (1979, p.42), o encanto dos contos orais está “[...] entre as aquisições da infância,[...]. Elas precederam os livros e muitas vezes os substituíram. Em certos casos, elas mesmas foram o conteúdo desses livros.” (MEIRELES, 1979, p. 42).

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Assim sendo, mesmo o ensino da leitura estando entre os objetivos e a missão da escola, esta leitura não pode ser imposta aos educandos como forma de obrigações. Uma melhor alternativa seria incentivá-los de forma lúdica e prazerosa. Meireles (1979, p.42) aponta que a contação de histórias pode ser uma grande aliada na formação do leitor, pois “o gosto de ouvir é como o gosto de ler”. Portanto, os alunos que gostarem de ouvir histórias, poderão posteriormente lê-las. A autora aprofunda-se dizendo que eles podem até buscar escrever novas histórias, pois “o gosto de contar é idêntico ao de escrever e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores” (1979, p. 42).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por algum tempo a contação de histórias ficou esquecida, mas em nossos dias percebemos que tem tomado grandes proporções e que, através dela, muitas crianças têm seu primeiro contato com a obra literária. A partir do contato com o texto oral, os infantes sentem o desejo de conhecer novas narrativas e buscam no livro as aventuras.

Para além da formação de um repertório interno e do leitor, em contato com a contação de histórias a criança tem a rica oportunidade de fazer parte dela. A oralidade exposta nas atividades desenvolvidas no CELLIJ proporciona à criança a oportunidade de participar desse universo cheio de encantamentos. Não é simplesmente uma contação, mas uma exposição daquilo que é mágico, que leva o infante a viajar e fazer parte de mundos e lugares em que jamais estiveram, pois, além do livro, acontecem momentos que antecedem a narração e esses contribuem para a aliciação dos ouvintes.

Apesar de estarmos no fastígio da tecnologia, a contação de história se mostra de grande valor, pois por meio dela podemos proporcionar uma permuta de conhecimentos, um processo que contribui para a formação do sujeito social desde a mais tenra idade.

Em suma, a arte da oralidade é de extrema importância na apresentação e exposição de um texto literário. Contar história não é simplesmente pegar o livro e dizer o que está escrito, mas sim fazer com que esse momento faça sentido e tenha significado para os ouvintes.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSSATO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Contar & encantar**: Pequenos segredos da narrativa. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que ler os Clássicos Universais desde Cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da Literatura Infantil**. São Paulo: Summus, 1979.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: A tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobransky, São Paulo: Papyrus, 1998.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar histórias**: uma arte sem idade. 8 ed. São Paulo: Ática, 1999.

ⁱ Graduanda em Letras pela Faculdade de Presidente Prudente e Mestranda em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP – Brasil.
E-mail: julianefmotoyama@gmail.com

ⁱⁱ Mestranda em Educação pela Faculdade de Ciências e Tecnologia – FCT/UNESP – Brasil.
E-mail: simonicacf@gmail.com

ⁱⁱⁱ Doutor em Letras pela Universidade de Ciências e Letras – FCL/UNESP – Brasil.
E-mail: odfleury@assis.unesp.br